

Otimista, Mailson chega à Inglaterra

por Tom Camargo
de Londres

O Brasil estaria a caminho de arredondar, sob condições jamais antes obtidas desde a eclosão da crise da dívida, o programa de administração de seu setor externo. Depois do acordo com os bancos privados e do encaminhamento de um acerto com o Fundo Monetário Internacional, o ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, acredita, com otimismo, que diz ser justificável pelos fatos, que está a caminho de restaurar a normalidade das relações com os governos de seus principais credores e que desempenham um papel fundamental no financiamento e seguro de operações de créditos comerciais.

Nesta segunda-feira ele começa, por Londres, uma sucessão de contatos com autoridades financeiras e monetárias de quatro importantes credores europeus (a própria Inglaterra, a França, a Alemanha e a Itália), em paralelo a uma missão de esclarecimento e contatos pessoais com banqueiros comerciais.

No dia 28 de julho, quando funcionários do governo brasileiro começarem a discutir com o Clube de Paris (o fórum informal onde

países discutem dívidas de governos com governos), o ministro espera que apareçam os resultados de sua missão exploratória. Ele diz que, nessa altura, ele e seus assessores já terão todos 'têtes-à-têtes' com todos os membros do chamado Grupo dos 7 (principais países industrializados), que estarão então informados não apenas sobre a normalização das relações com os bancos e o FMI mas também sobre os esforços de ajustamento interno que estão sendo feitos pelas autoridades brasileiras.

"Esta negociação (com o Fundo) é qualitativamente superior a todas as outras que tocamos desde 1982(...) Temos reações positivas dos bancos e do Fundo para apresentar e tudo o que temos a pedir se encaixa dentro das práticas históricas do Clube", observou Mailson.

SINALIZAÇÃO EFICIENTE

Ele acha que a reabertura, pelo Export and Import Bank (Eximbank) dos Estados Unidos, dos financiamentos de médio e longo prazo para o Brasil serviu como uma sinalização eficiente para os demais governos credores, que até hoje, em sua maioria, mantêm fechados os financiamentos e seguros com prazos superiores a 180 dias



Mailson Ferreira da Nóbrega

(salvo exceções circunstanciais).

A equipe de Mailson já apresentou uma proposta básica de negociação para o Clube, onde se incluem a concessão de um empréstimo-ponte (para colocar juros atrasados, devidos a governos, em dia) de US\$ 500 milhões (a ser fornecido por um "pool" de bancos centrais sob a égide do Banco de Compensações Internacionais, que é o banco central dos bancos centrais dos países ricos), concessão de prazos maiores para o reescalonamento da dívida vencida (pelo menos nove anos, quando a última ne-

gociação com o Clube conseguiu apenas seis) e renegociação da dívida a vencer. Além, é claro, do restabelecimento completo dos financiamentos e garantias para importações brasileiras.

Ter Londres como início de tal jornada tem uma significação especial. Na última visita de um dos antecessores de Mailson, o ex-ministro Dilson Funaro, o ministro do Tesouro britânico, Nigel Lawson, foi firme, ao ponto da rudeza, quanto ao fato de que seu governo não apoiaria nenhuma reivindicação brasileira nos fóruns internacionais enquanto a harmonia com o Fundo e uma melhoria das relações com os bancos não fossem obtidas.

AO CONTRARIO DE FUNARO...

Desta vez, diz Mailson, ele espera reação diametralmente oposta: ele contou que esteve com Lawson durante a última reunião do comitê interino do Fundo, em Washington, e que o ministro britânico fez uma intervenção de apoio à exposição que ele, Mailson, fizera sobre o ajustamento da economia brasileira e a administração de seu setor externo. "Ele saiu do 'script', porque geralmente os ministros não se manifestam sobre depoimentos de colegas", disse Mailson.

Para ele, o acordo obtido com os bancos comerciais teria sido tão bom que, num efeito de vaso comunicante, acabou preparando o terreno para uma relação mais flexível com o Fundo e mais realista com o Clube de Paris. Resumindo críticas que se fazem, no Brasil, ao acordo com os bancos, Mailson observou que, paradoxalmente, é no exterior que se colhem os elogios, pois "acabamos oferecendo opções para todos os credores, formalizando um novo padrão de reescalonamento, que há muito vinha sendo mencionado mas que não havia ainda sido colocado em prática".

O ministro da Fazenda manterá contatos com os quatro maiores bancos comerciais ingleses já no domingo. Na segunda-feira

Na segunda-feira voará para Paris, onde, além de falar com as autoridades financeiras e monetárias francesas, manterá encontro com o Clube de Paris.